

Marés critica governo e deixa Funai

Ele classifica como "de direita" a repressão a movimentos sociais na festa dos 500 anos e ganha apoio dos índios

Romário Schettino
Da equipe do Correio
Com agências

A Fundação Nacional do Índio (Funai) está novamente sem comando. Cinco meses depois de nomeado, Carlos Frederico Marés deixa a presidência do órgão criticando o presidente Fernando Henrique Cardoso pela "má influência que recebe da direita do governo". Magoado com o esquema de segurança montado para as comemorações dos 500 anos do descobrimento do Brasil em Porto Seguro, na Bahia, ele foi demitido quando ia entregar a carta de demissão. Esperou uma hora e meia pelo ministro da Justiça, José Gregori, mas teve que deixar o pedido com a chefe de gabinete, Anna Samico.

Marés também aponta a "omissão" do ministro no episódio de Porto Seguro, quando 160 pessoas foram detidas e várias ficaram feridas. Segundo ele, a segurança na ocasião foi "um trabalho de direita, repressivo, policaresco, sem diálogo. Não é assim que se trata o movimento social. Foi tudo muito lamentável e com isso eu não posso concordar".

Ao ser informado de que o

responsável pela segurança era o general Alberto Cardoso, ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional, Marés disse: "Então ele é o culpado pelo desrespeito aos direitos humanos que aconteceram em Coroa Vermelha no dia 22 de abril".

Numa nota à imprensa, Gregori informou que as manifestações de Marés à mídia sobre sua demissão "tornam redundante e desnecessária carta formal". Considerou que "as críticas e conceitos sobre o governo, ditas pelo ex-presidente, deveriam ter sido feitas no curso de sua gestão". Para responder interinamente pela Funai, nomeou o secretário-executivo do Ministério, Antonio Augusto Anastasia.

"FALTOU LEALDADE"

O ex-presidente da Funai ressaltou que não tinha condições de "trabalhar com ministros que não assumem brigas" e lamentou que Gregori não o tenha recebido. "Eu queria a oportunidade de relatar as grandes violações que ocorreram contra os direitos humanos." Marés considerou a atitude de Gregori "omissa e antiindigenista".

Quando a Polícia Militar da Bahia, dia 4 de abril, demoliu o monumento dos índios, Marés

Jefferson Rudy



Carlos Frederico Marés, ao lado de um cacique: "Não pude evitar as bombas e o tiroteio, foi uma vergonha"

disse que pensou em pedir demissão, mas desistiu depois de acordo que permitiu a reconstrução do monumento. Ele também acha que se saísse antes, provocaria o acirramento das tensões. No dia do confronto, afirmou ter sido surpreendido depois de acertar com o coronel Wellington Müller que os índios marchassem pacificamente de Coroa Vermelha para Porto Seguro. As tropas atacaram assim mesmo.

"Liguei mais de 20 vezes para várias pessoas do governo, mas não fui atendido e não pude evitar as bombas e o tiroteio, foi uma vergonha", reclamou.

O presidente Fernando Henrique determinou ao ministro José Gregori e ao general Alberto Cardoso que façam um relatório sobre os conflitos. Sobre as críticas de Marés, o portavoz da Presidência da República, Georges Lamazière, informou que "o presidente disse

que Marés jamais fez as observações que agora está apresentando à imprensa. Se alguma falta houve, foi de lealdade da parte dele (Marés)".

Ontem, Marés recebeu apoio de índios de várias etnias que estavam reunidos no auditório da Funai: Kaiapó, Xavante, Amunava, Terena, Fulni-ô. Todos estavam indignados com o que aconteceu em Coroa Vermelha e queriam influenciar na nomeação do novo presidente.